

Podcast Eh Familiar - Episódio 2

Legenda Transcrição:

[00:00:00] → marcação de tempo da fala

“Palavras entre aspas” → citação

... → interrupção da fala, pausa, exitação e/ou mudança de raciocínio

Falantes:

Lais Bim – anfitriã

Fernando Ogushi – quadros informativos

Marcela Tiboni – convidada

Beatrice Marinho – convidada

“ser cuidada para mim é ser amada. Tem um promotor aqui do Rio que diz que, cuidado é o corpo do delito do amor. Eu acho que é isto mesmo, é como se externa o afeto. A gente só sabe que o afeto existe quando o cuidado está presente.”

(Vinheta musical)

[00:00:16] O Podcast *É familiar* é uma produção do Sesc Avenida Paulista e integra o projeto institucional do Sesc São Paulo, Cuidar de Quem Cuida, que trata do universo da primeira infância, de pessoas que são cuidadoras de referência e do ato de cuidar, acolhendo as diversas realidades do cenário contemporâneo e trazendo ao debate construções sociais que precisam ser revistas.

(Vinheta musical)

[00:00:47] Toda família faz planejamentos e cultiva sonhos. Algumas delas vivenciam parentalidades homotransafetivas, seja porque se formam a partir da união de pessoas LGBTI+ ou, na maioria dos casos, são famílias de matriz heteroafetiva cujos filhos são LGBTI+.

Mas como tais famílias lidam com uma sociedade cujo preconceito estrutural tende a burocratizar e dificultar o exercício de direitos básicos? De que maneiras as famílias compostas por duas mães ou dois pais enfrentam o preconceito social, das instituições e do estado? Como ser aliade nesta luta? Será que todas essas perguntas já foram abordadas com a atenção que merecem? Talvez não consigamos respondê-las por completo, mas nossa ideia hoje é evocar questões e evidenciar que é preciso muito mais espaço para se falar sobre o assunto.

Por isto estamos aqui, no **Eh Familiar**! Eu sou Fernando, educador da equipe infantojuvenil do Sesc Avenida Paulista. E ao lado da Lalá, estaremos juntas neste podcast e, assim sendo, farei minha autodescrição: sou homem asiático, cisgênero, heterossexual, atendo por ele e dele e pai da Tetê. Ser cuidado para mim é ser reconhecido e respeitado em minha singularidade. Agora passo a bola para nossa anfitriã: é com você Lalá!

[00:02:15] Obrigada, Fer! Neste segundo episódio do Eh Familiar, falaremos sobre “**reprodução assistida, auto-inseminação e a parentalidade por vínculo biológico - provocações e o impasse de registros públicos que desconsideram a existência de famílias com duas mães e dois pais**”

Teremos a participação de uma pessoa que trará seu relato de experiência pessoal, **Marcela Tiboni**, artista plástica, mãe, lésbica, escritora e ativista nos assuntos sobre maternidade e vivência lésbica; autora do livro “Mama: um relato de maternidade Homoafetiva” e coautora de “Maternidades no plural”,

e uma pessoa especialista no assunto, **Beatrice Marinho**, psicóloga, advogada, professora, Doutora em Psicologia Clínica, Mestre em Direito e Psicologia, Especialização em Psicologia Jurídica e em Direito da Criança e do Adolescente, foi Psicóloga Perita no Ministério Público do RJ. Associada da ABRAFH, da ABPJ e do IBDFAM, participante do PAPPADIS, projeto da OAB-RJ em parceria com a ABRAFH.

(Vinheta musical)

[00:03:37] Olá famílias, eu sou a Laís Bim e serei a anfitriã dos 4 episódios que integram esse projeto, inicio esse episódio agradecendo a todas, todos e todes que estão ouvindo e participando. Vou me autodescrever: sou uma mulher cisgênero, bissexual, mãe da criança loio, sou branca, tenho olhos azuis, cabelos compridos loiros e rosa nas pontas, e estou em São Paulo, muito feliz pelas apresentações e interlocuções desse podcast que Eh Familiar, como educadora de atividades infantojuvenis do Sesc Avenida Paulista, e o meu pronome é ela/dela. Convido agora Beatrice Marinho a se auto-descrever. Bem vinda.

[00:04:19] Obrigada, Lais. Meu nome é Beatrice Marinho Paulo, eu sou um mulher cis, vivo atualmente uma relação homoafetiva mas não gosto desse rótulo porque a gente nunca sabe o dia de amanhã. Respondo pelo pronome ela. Eu sou morena, tenho cabelos lisos mais ou menos na altura dos ombros, estou vestindo um balzer vermelho, tenho os olhos castanhos. Sou do Rio de Janeiro. Sou psicóloga e também formada em Direito. Trabalho hoje em dia na Escola de Governo do Ministério Público, mas também auxilio na ABRAFH que é a Associação Brasileira de Famílias Homotransafetivas e no grupo PAPPADIS, que é uma parceria da OAB do Rio de Janeiro com a ABRAFH para acolher parentes, familiares de LGBTIS. Eu sou mãe da Claudia e da Cecília que são frutos de inseminação artificial e ser cuidada pra mim é ser amada. Tem um promotor aqui do Rio que diz que, cuidado é o corpo do delito do amor. Eu acho que é isto mesmo, é como se externa o afeto. A gente só sabe que o afeto existe quando o cuidado está presente.

[00:05:29] Convido agora Marcela Tiboni a se auto-descrever. Bem vinda, Marcela.

[00:05:35] Primeiro, obrigada pelo convite. É um prazer estar aqu com vocês; eu sou Marcela Tiboni. Sou uma mulher lésbica, uso os pronomes ela/dela. Tenho 1,65 de altura, tenho cabelo castanho até o ombro, liso. Sou de São Paulo e nesse momento estou dentro do meu escritório que é também o quartinho da

bagunça dos meus filhos gêmeos então ele é uma mistura de organização e bagunça. Sou mãe junto de outra mãe, dos gêmeos Bernardo e Iolanda, de três anos e acho que ser cuidada por mim é uma mistura de muita diversão e um pequeno caos particular.

(Vinheta musical)

[00:06:18] Quando um casal composto por um homem e uma mulher cisgêneros e heterossexuais se expõe à possibilidade ou decide engravidar para se tornarem pai e mãe, diversas garantias nos âmbitos médico, político, econômico e jurídico acolhem e naturalizam o exercício pleno de sua parentalidade. Em 2011, o STF firmou o entendimento de que as uniões homoafetivas devem ser compreendidas como entidade familiar.

Era, então, razoável supor que a partir daí, toda a estrutura do Estado se adaptaria para acolher a diversidade de famílias. Porém, o que se constata uma década depois é que, na prática, pouco foi feito em matéria administrativa (pelo Poder Executivo), e nada foi feito em matéria legal (pelo Poder Legislativo). Diversas legislaturas passaram pelo Congresso Nacional e nenhum projeto de lei a favor da diversidade familiar foi sequer apreciado.

O cenário político tradicionalmente conservador e desfavorável às pautas da diversidade somado à falta de acesso à informação parece cooperar para a inadequação das estruturas do estado, afetando diretamente o exercício de direitos básicos pelas famílias LGBTI+.

Os desafios são grandes, a começar pelo planejamento familiar, desde a definição da matriz biológica ou afetiva, quanto da escolha dos métodos reprodutivos e os registros civis da prole.

Vamos saber um pouco mais e em seguida ouviremos nossas convidadas:

[00:08:03] No quadro “Sopa de Letrinhas” de hoje, apresentaremos alguns métodos de reprodução assistida disponíveis no Brasil:

[00:08:10] Afinal, Fernando, o que é reprodução assistida?

[00:08:14] Lalá, Segundo o e-book “Reprodução Assistida: Um guia fácil e descomplicado de Saúde e Direito. da Maia&Munhoz Consultoria e Advocacia, Reprodução Assistida é todo processo de reprodução que é assistido, ou ajudado pela medicina.

Lá, conta pra gente quais são os principais métodos de reprodução assistida que existem.

[00:08:36] Com certeza! São esses: Inseminação Intrauterina Artificial - É uma técnica que processa os espermatozoides (o sêmen) em laboratório previamente à introdução no trato genital feminino, que pode ocorrer na vagina, no canal cervical ou no útero.

Fertilização in vitro (FIV) - É uma técnica mais complexa que promove a união, em ambiente laboratorial, do óvulo ao espermatozoide. Os embriões formados são cultivados, selecionados e introduzidos no útero.

Doação de Óvulos - Pode ser feita por uma pessoa que ovule, que também está em tratamento e compartilha os óvulos excedentes com outra pessoa que irá gestar. A pessoa receptora faz o uso de medicamentos que preparam seu útero para receber o embrião. A fecundação ocorre in vitro com os espermatozoides da pessoa parceira e possui uma taxa de sucesso semelhante à obtida com FIV.

No Brasil, temos um método bem particular que é a Barriga Solidária ou Útero de Substituição. Conta pra gente como funciona, Fê?

[00:09:46] Na Barriga solidária ou Útero de Substituição as doadoras temporárias devem ter parentesco consanguíneo de até 4º grau com um dos membros do casal - hetero ou homoafetivo. Caso esse critério de parentesco não seja atendido, é necessário solicitar uma autorização especial ao Conselho Regional de Medicina. A doação temporária do útero não poderá ter caráter lucrativo ou comercial, nem qualquer tipo de repasse financeiro como custeio de benefícios à doadora.

Entrevista 1 – Marcela Tiboni

Lais: Agora, nós vamos para a entrevista com a Marcela. Para você e sua companheira, quais foram as figuras principais de cuidado no processo de gestação e nascimento dos gêmeos?

[00:10:33]

Marcela: Eu acho que eu conseguiria responder a essa pergunta de duas formas porque tem as figuras presentes, palpáveis e físicas e tem as figuras quase que ocultas ou figuras que eu não consigo colocar como matéricas porque são presentes apenas nas redes sociais, pra gente. Então, para responder a primeira parte eu diria que eu acho que a nossa família de origem (pai, mãe, irmão) são figuras de apoio, acolhimento e afeto muito importantes pra gente. De sonhar e desejar isso com a gente. Eu acho que para toda parentalidade essas pessoas são importantes mas para a nossa dupla maternidade, que já vinha cheia de dúvidas e anseios, ter essas pessoas próximas nos amparando e empolgadas o tempo inteiro, foi muito importante. Depois, teve toda a equipe médica que foram alicerces muito importantes pra gente. Desde as explicações científicas sobre o que é um óvulo, como funciona a transferência de um embrião, o que é um estímulo ovariano, reserva ovariana, o que é uma dupla amamentação, o que é uma indução a lactação, enfim, tantas palavras complexas e profissionais que a gente nem sabia que existiam. Consultora de amamentação, doula, obstetris, parteira. Nós fomos descobrindo um universo que também nos descobriu e nos amparou muito para que isso fosse possível. O segundo bloco são esses sujeitos

que não sei se são ocultos ou imatéricos, das redes sociais, porque a nossa gestação, como um todo, se dá de forma muito presente através do facebook e instagram. As pessoas dizem que a geração de hoje perde muito tempo nas redes sociais mas para nós, além de termos ganhado tempo, fizemos um sonho acontecer por causa das redes sociais que são importantes até hoje, três anos depois dos nossos filhos estarem aqui no mundo dos nascidos. Toda vez que a gente tinha dúvida sobre a clínica, os médicos, se as duas mães podiam amamentar, se alguém já viveu isso e pode dar dica. Toda vez que a gente postava isso, eram 100, 200, 300 comentários. Era gente ligando, mandando mensagens, mandando DM, então a gente se sentiu muito acolhida. Foram pessoas muito importantes e muitas delas nem lembramos quem é. Hoje em dia encontramos com algumas que falam de mensagens que mandaram há quatro anos atrás sobre uma clínica. Acho que a rede social, como um todo, é uma figura muito presente, não corpórea mas fundamental para esse sonho se concretizar.

Laís: Você traz um grande relato no livro Mama, que a nossa equipe como um todo leu, e a história da gestação de vocês, da Iolanda e Bernardo e esse recorte que você trouxe das redes sociais, desse apoio, também é um apoio, mesmo que imatérico como você disse, para tantas outras famílias porque a gente vai fazendo uma rede às vezes não física mesmo e que é muito importante como uma rede de informação. Ela instrumentaliza.

[00:14:13]

Marcela: Laís, eu te diria que essa é a parte que eu não tenho controle e que me surpreende todos os dias porque quando eu escrevi o Mama era um desejo de suprir uma lacuna. Eu sou uma figura super acadêmica, a leitura e a literatura fizeram parte de toda a minha formação de vida e quando a gente desejou engravidar eu fui para uma livraria procurar um livro sobre a dupla maternidade ou maternidade lésbica e quando o vendedor falou que não existe, não tem, eu fui pra internet, joguei todos os títulos e combinações possíveis que você possa imaginar e não existia esse livro. Eu fiquei muito impactada pois em 2017 esse livro não existia. É como se a minha parentalidade, a minha maternidade, não existissem, de forma acadêmica mesmo. O Mama surge como um relato de uma maternidade homoafetiva, de uma forma muito espontânea e despreziosa. Eu gosto de colocar o Mama nesse lugar porque eu achava que ele não seria publicado ou que eu teria que colocar dinheiro do meu bolso, ou que seria um livro de 40 ou 50 páginas e eu faria uma impressão no xerox aqui do lado. E ele ganha uma proporção, um interesse não só de uma editora mas de duas. Em menos de dois anos a gente vendeu todas as 1.500 cópias e já fizemos a segunda impressão que está super bem vendida, já vem a continuação no ano que vem. Ele vai comigo para a rede social e quase todos os dias eu recebo relatos de pessoas do Brasil inteiro dizendo da importância desse livro na vida delas. Hoje, vindo para cá gravar uma pessoa me mandou uma mensagem inbox dizendo que faz oito dias que fez a transferência do embrião (ela e a mulher) e ontem, antes de dormir, disse para a mulher: A Marcela e a Mel, no Mama, fizeram o exame de farmácia antes mas eu não lembro em que dia. Amanhã eu vou abrir o livro e ver. Ela falou que abriu o livro e caiu exatamente na página em

que eu dizia com oito dias. Hje faz exatamente oito dia do exame. Ela pegou o exame na farmácia chorando, fez o xixi em cima e deu positivo. Ela queria agradecer. Ela coloca o dia e me manda, dizendo: vocês não tem noção da importância desse livro, da representatividade para mim, para a minha família. Você olha praquilo e fica quase sem palavra.

Laís: Isso é lindo demais.

[00:16:47]

Marcela: Eu recebo muita coisa nesse sentido. Uma coisa que me emociona demais é que eu li o Mama, minha mulher leu o Mama e a gente está dando para os nossos sogros, pais e avós lerem o Mama, para que eles entendam que essa dupla maternidade é possível, é viável e tá tudo bem. Às vezes, as mães dessas mulheres lésbicas me escrevem inbox: Oi Marcela. Aqui é a dona Deolice, sou a mãe da fulana, eu li o Mama, muito obrigada porque graças ao seu livro eu entendi que está tudo bem, eu entendi que não tem problema e aí eu conversei com o Vasco que é meu marido e ele falou ... vão chegando um monte de histórias. Como as pessoas ousam dizer que o instagram é uma perda de tempo. Hoje, o instagram é a possibilidade da minha família existir em um mundo mais justo e acolher porque não é só a bolha. Não são só mulheres lésbicas, bissexuais e trans que a gente convive. Estamos falando com padrinho, madrinha, tio, vô, vó, bisavó, pessoas que estão ali nesse mundo mais tradicional e tendo que olhar para esse mundo mais plural e diverso, com naturalidade.

Laís: A gente vai tirando esses preconceitos do caminho, vai abrindo esses olhares, deixando o caminho mais livre para as nossas crianças passarem. Você imagina quantas pessoas, quantas mães, devem ter buscado, assim como vocês no início, livros que continham relatos de uma dupla maternidade e não encontraram. E o seu foi o primeiro, contando da gestação de vocês uas. É maravilhoso!

[00:18`27]

Marcela: Uma outra coisa que eu recebo muito: Má, os meus filhos já estão com oito anos mas eu li o Mama e não parei de chorar do início ao fim porque foi exatamente o que eu vivi a oito anos atrás. Os meus filhos tem três. O meu livro não está atingindo só as pessoas que querem engravidar mas também as pessoas que hoje se sentem representadas por um livro. Isso é tão simbólico mas também é tão triste. Olhar para uma prateleira e ver três livros onde dois são meus e o outro é da Bruna Timóteo. É muito pouco. Se voce pegar adestramento de cães, tem mais de oitenta. E dupla maternidade tem três.

Laís: Como vocês abordam com a Iolanda e o Bernardo a história de nascimento deles? Para entender um pouco mais como vocês reagiriam caso eles perguntassem ou esboçassem o desejo de conhecer sobre toda a origem biológica?

[00:19:22]

Marcela: Quando a gente queria ter filho eu dizia pra Mel que iríamos precisar fazer terapia porque tem muitas questões que são nossas e precisamos ter muito

claro e outras que são da sociedade e que para ficar claro para a sociedade, nós precisamos estar muito fortes. A gente foi se preparando muito para a chegada deles. Muitas pessoas perguntam como vai ser quando eles descobrirem que não tem pai. Bom, meus filhos não descobriram nada, até porque eles já nasceram com o livro contando a história deles então eles sabem, desde que chegaram a esse mundo, que tem duas mães e não tem pai. Isso é muito comum. Outro dia fomos em um sacolão e na fila do caixa eu falei para a Lolanda: filha, conta pra ela quantas mamães você tem? A Lolanda estava dançando, olhou pra moça e falou que tinha cinco. Eu dei risada e caramba, você está me trolando. Ela falou: não, eu tenho dois mamães. Nenhum papai. É a mamãe Cela e a mamãe Mel. Elas são maneiras. A naturalidade com que eles falam, com que eles entendem a dupla maternidade e a ausência de um pai que na nossa vida não é a ausência, não falta nada na vida dos meus filhos. Eles tem dois cuidadores, como muitas famílias tem. Eles poderiam ter tres, um, ter cinco cuidadores e no caso eles tem dois e são duas mulheres. Ai a gente entra em uma outra questão que é a palavra pai. Eu relato agora na continuação do Mama, faz uns cinco ou seis meses que eles tem brincado muito juntos e de repente eles estavam brincando de médico, o Bernardo entregou um objeto para a Lolanda e ela falou: obrigada, papaizinho. Eu levantei o radar. Ele falou: obrigada, minha papaizinha. Eu fiquei investigando e eles ficaram um tempão brincando de minha papaizinha, meu papaizinho e quando terminou, fomos ver uma TV, jantar e eu abordei o assunto: vocês estavam brincando de papaizinho. Eles riram e falaram: é, que nem o Tiê lá da escola. Ele tem um papai. Eu falei: é verdade, muitas famílias tem um papai. Mamãe, sabia que o papai de não sei quem é separado, não mora mais junto? É mesmo, filho, tem famílias que os pais se separaram mas tem muito amor pelas crianças. E para eles, quando eles brincavam de meu papai, não era uma falta de um pai e sim a descoberta de um personagem. Que forte, que bonito, meus filhos, aos dois anos e meio descobrirem que podem brincar do que eles quiserem, inclusive de ser pai, que não tem aqui em casa. No dia seguinte eles estavam brincando de ser pirata e a descoberta do personagem pirata, que também não existe na nossa sociedade. É tão ludico, tão bonito de ser vivenciado no corpo e na família, quanto brincar de ser bombeiro. Pra gente não foi um choque, eu só liguei o radar pra entender de onde vinha isso. Um mês depois, um dia o Bernardo perguntou se eu tinha papai e eu falei que sim. Ele falou: O seu papai é o meu vovô. Mamãe, eu sou papai. Eu sou menino e sou papai. Eu falei: Você, por enquanto, ainda se reconhece no gênero masculino. Pode ser que um dia não. Ele falou: Não, eu vou ser menino e vou ser papai. Para mim, é uma figura assim como a figura de mãe, que não tem nada a ver com biologia ou com genética, como no meu caso, eu fui construindo esse papel do ser mãe. É a mesma coisa da construção do processo de um pai. Eles entendem que na sociedade muitas famílias tem pai presente, muitas tem pai ausente, muitas tem pais separados, tem duas mães. Hoje, nós estávamos em uma padaria e veio uma amiga nossa, também casada com uma mulher e com um filho e eu falei: olha o Raul. Eles falaram: mamãe, o Raul tem duas mamães, que nem eu. Pra eles, esse processo de naturalizar não só a nossa família mas todas as outras. Nenhum assunto aqui é tabu. A

separação não é tabu, transgênero não é tabu, a dupla maternidade, a presença ou ausência de um pai. Brincar de pai aqui em casa está tudo bem também.

Laís: Pensando na falta de leis que garantam direitos às pessoas e famílias LGBTI+, quais foram os caminhos que você e a Mel encontraram que possam servir de inspiração para que futuras famílias com configurações também parecidas com a da família de vocês tenham mais facilidades ou menos dor de cabeça em seus planejamentos familiares?

[00:24:20]

Marcela: Eu fico achando que a ausência de leis, muitas vezes, também é a ausência de voz. Essas leis mudam conforme a sociedade muda e a sociedade exige que essas leis e esse código todo se transforme também. A gente entendeu muito rápido que somos um agente de transformação, inclusive das políticas públicas. Essas leis vão mudar conforme a gente for mudando a sociedade, mudando o nosso pensamento, o pensamento dos meus pais, dos meus vizinhos. Isso tudo fortalece para que a sociedade se transforme, inclusive nessa configuração de códigos de leis. Para nós, eu digo sempre que, em resumo, tivemos cinco grandes batalhas. A primeira foi quando a diretora do hospital não queria que eu amamentasse dentro do hospital dizendo que era uma amamentação cruzada que é quando uma mulher amamenta o filho de outra mulher, ou seja, ali ela já está me dizendo: seus filhos já tem uma mãe, que não é você portanto não faz sentido você amamentar essas crianças. A segunda batalha foi quando fomos tirar a declaração de nascido vivo, que é um documento que já vem impresso do Ministério da Saúde e não pode ser rasurado. Ali tem pai e mãe. Meus filhos, com 48 horas de vida, esse cara vem preencher esse documento dentro do quarto de hospital e pergunta qual das duas quer ser o pai. É uma violência que ele não tem nem noção. Ele estava perguntando e gaguejando. Isso transcende o desejo de uma pessoa que está ali na minha frente, que obviamente é a que vai me ver chorar, é aquela que talvez receba as brigas e discussões e que não vai poder levar isso pra cima porque estamos falando de uma instituição que não tem rosto, o Ministério da Saúde. Quando eu fui registrar os meus filhos e toda a documentação que eu tive que levar para que isso contecesse. Quando eu fui tirar o RG deles e na tela do computador estava escrito pai e mãe, mesmo o RG já saindo com a palavra filiação. Então, você tem uma dicotomia entre o documento impresso que é o documento correto e o sistema do governo de São Paulo, em que ainda está escrito pai e mãe, e essas duas pessoas, atendentes do Poupatempo completamente perdidas sobre onde colocar os nossos nomes. E a última batalha, que deve finalizar daqui a uma década, contra a Receita Federal, quando no ano passado eu digitei os dados dos meus filhos pelo computador e quando eu digito o código do nome da mãe do Bernardo e da Lolanda e coloco o meu nome eu caio em uma tela que diz: Marcela não corresponde com o nome da mãe do Bernardo. Quando eu coloco o nome da Mel, eu tenho acesso ao documento dos meus filhos. Essa talvez tenha sido a batalha mais intensa pra mim porque a Receita Federal é o maior banco de dados do país. É usado para tudo. Pelo TRE, pelo TSE, pelo ENEM, universidades, todo mundo usa o banco de dados da Receita. E para a Receita Federal eu não sou nada dos meus filhos.

Eu não sou mãe, eu não sou pai, eu nem existo e quando a gente faz essa pergunta para a Receita, não temos uma resposta. De novo, o instagram é um agente muito importante porque o que era pra ser só um desabafo vira uma viralização com mais de 50 mil compartilhamentos, um abaixo assinado com mais de 60 mil assinaturas e a semana passada uma liga de advogados da UERJ, liderados pelo Daniel Sarmiento, que é um dos maiores juristas do Brasil, entra com uma ação no STF solicitando não só a mudança na Receita Federal mas de todos os órgãos públicos que ainda usam a palavra pai e mãe, substituindo por filiação. Nesse momento eu percebo que, em 2021, eu que não sou afiliada a nenhum partido, não tenho nenhum cargo público, posso ser um agente de transformação. Em resumo, eu te diria que hoje, estar presente dentro do meu livro, estar presente no instagram como uma figura que tem uma voz, uma capacidade de fala, de comunicação, escuta e diálogo, é um processo também de transformação das políticas públicas e dos pensamentos pessoais de cada uma dessas famílias que me seguem, que conversam comigo, mandam mensagem ou me pedem ajuda. Eu acho que a gente tem que tirar a ideia da política como algo distante e impalpável e trazer pra gente. É possível que a gente seja esse agente de transformação e de presença, sem precisar ser um vereador, por exemplo.

Laís: Essa mobilização, em si, é muito fortalecedora em diversos âmbitos. Para quem ouve, para quem se instrumentaliza, se fortalece, a gente vai criando uma consciência dos direitos e das necessidades e que a gente existe sim. É como você disse, em nenhum momento eu tenho nenhuma relação com os meus filhos? Como assim? Eu tenho que ficar provando que tenho essa relação com os meus filhos, que sou mãe sim? Que eu faço parte? Como assim, eu tenho que ficar provando? E essa mobilização que você está a frente, alavanca muitas famílias também, Marcela. Eu te agradeço por isso porque acho que é um papel de educadora que você faz também. Como pessoa, ativista e como educadora, eu espero que sempre chegue não só a informação mas que chegue essa garra e vontade da gente conseguir seguir, sempre, com esse amor.

[00:29:42]

Marcela: Eu trabalhei como educadora não formal por 19 anos da minha vida e por conta da pandemia eu fui fazendo essa transição para hoje administrar o meu perfil, ser criadora de conteúdo e escritora, ativista, mas hoje, para mim fica muito claro que o meu processo de ativismo é cem por cento baseado na educação que é um lugar do diálogo. Quando sai uma matéria nossa, que é publicada online e chove comentários homofóbicos dos haters, que vem falar ou sobre religião, que minha família vai pro inferno, que isso é pecado ou que vem falar que a criação da ciência sempre foi o homem e a mulher ou o parabéns ao pai desconhecido, aquilo em vez de me atingir, é um espaço que me abre para encontrar esses outros olhares, esses outros pensamentos e tentar construir junto um pensamento que possa, de alguma forma, mesmo divergindo, porque eu não acho que a gente tenha que convergir os pensamentos senão isso não se faz dentro de uma sociedade, mas temos que de alguma forma entender o outro e que o outro tem um processo de escuta. Eu acho que no instagram você fala o que quiser mas você também escuta às vezes o que não

quer. Eu vou respondendo um a um, tudo que me é escrito pela minha família eu vou devolver e muitas vezes o meu DM é invadido por essas pessoas dizendo que não faz sentido e depois de meia hora a pessoa fala: eu nunca tinha pensado nisso. A gente vai pesquisando, entendendo. Quando vem sobre religião, eu falo: senhora, mas você está dizendo que eu não sou mãe dos meus filhos, que sou uma mãe de consideração mas e José? José era padrasto de Jesus? A gente coloca José como pai de Jesus. Mas, se ele não tem o vínculo biológico, já que o pai de Jesus é Deus ... a pessoa fica pensando. Então, você vai ali num lugar de construção coletiva, colaborativa e de partilha que eu não sei se os pensamentos vão mudar mas hoje eu entendo que o pensamento não tem prazo de validade para mudar. Eu não preciso que a pessoa mude naquele instante o pensamento mas pode ser que ele mude dali a um tempo. Eu tenho tantas coisas que eu vivi na escola e na faculdade e a ficha foi cair uma década depois. Se esse pensamento mudar daqui a 20 anos, que bom. É um processo de transformação, não muda do dia pra noite mas se a gente puder contribuir para essa mudança ... eu acho que é um processo de educação que tem fala mas tem muita escuta também.

Laís: Que maravilhosa. Muito obrigada. Agora, dá o seu servio, pra gente te encontrar nas redes.

[00:32:29]

Marcela: O que eu mais uso é o instagram @marcelatiboni. Eu respondo para todo mundo, às vezes não na hora, por motivos de Bernardo e Lolanda presos no meu pescoço, querendo ver o guarda chuva da Frozen que eu vou comprar de presente pra eles, mas em algum momento eu vou responder.

Laís: Está ótimo. Muito obrigada, Marcela. Um beijo em vocês quatro.

Marcela: Obrigada vocês, gente. Até a próxima.

(Vinheta musical)

Você Sabia?

[00:32:53] Em abril de 2021, o juiz federal Alaôr Piacini, da Subseção Judiciária de Anápolis-GO, julgou por concedido o direito de uma mulher de 40 anos realizar o saque de seu FGTS para custear a reprodução assistida. O caso se torna um precedente no Brasil e foi tramitado em segredo de justiça.

Mesmo sendo um caso raro, a esperança que pode gerar no olhar da população que deseja ter seu direito de constituir família com as vias de reprodução assistida e não dispõe de verba é salutar.

Desde 2012, através da portaria 3.149, o processo de reprodução assistida por FIV ou inseminação artificial via Sistema Único de Saúde é um programa disponível para todas as configurações familiares. É importante se atentar aos

critérios pré-estabelecidos com relação à idade, doenças pré-existentes e também sobre as clínicas conveniadas aos SUS.

Acesse a nossa matéria no portal e veja os links que separamos para sua busca.

(Vinheta musical)

Entrevista 2 – Beatrice Marinho

Laís: Agora vamos para a entrevista com a Beatrice Marinho. Por que motivos as estruturas do estado, os órgãos e os registros públicos ainda não se adequaram à decisão do STF (2011) para considerar a diversidade de famílias?

[00:34:23]

Beatrice: Boa pergunta. Por que não se adequam? Por que a legislação também não se adequa? Por que os poderes públicos também não enxergam o que está tão evidente, tão na nossa cara? A dificuldade que temos de olhar para essas pessoas que existem, estão ali. Eu acho que não tem o que se possa alegar que já não fosse para ter sido vencido. Seja um problema de sistema ou de planejamento. Eu acho que falta, na verdade, vontade política. É por isso que nós somos o único país em que temos direitos dados pelo Poder Judiciário mas não temos muitas leis que assegurem os direitos dos LGBTI's. É como se jogasse as coisas sempre pra debaixo do tapete e deixasse de encarar a coisa como se não olhando pra isso, fosse deixar de existir. Se eu não tiver o registro isso não está no mundo. Só que está e está sem registro, causando muita confusão, muito problema para muitas famílias, crianças e adolescentes que deviam ser prioridade do nosso Estado, estivessem em qual família estivessem.

Laís: É como se tudo bem ignorar um ser humano, vários seres humanos, famílias. É como se não houvesse problema nisso.

[00:35:39]

Beatrice: Exatamente. Não nos afeta. Só que afeta. Quando afeta o outro acaba afetando todo mundo, não tem jeito.

Laís: E falando sobre esse precedente dessa vinheta que a gente passou um pouco antes no programa, pensando neste caso tramitado na Subseção Judiciária de Anápolis-GO, que outros precedentes têm chegado ao seu conhecimento e de que maneira você entende que estes casos abrem caminho para as famílias com configurações similares?

[00:36:10]

Beatrice: Primeiro deixa eu esclarecer uma coisa. Embora eu seja formada em Direito, eu não atuo mais com o Direito diretamente há muitos anos. Eu atuo mais na parte da psicologia. Eu aprendi agora com vocês também sobre esse precedente de Anápolis, por exemplo, porque eu não sou a pessoa mais atualizada com essa parte jurídica. O que chega pra mim são os conflitos, as dificuldades, as partes psicológicas. O que eu posso te dizer é de conquistas assim: duas mães que querem ambas tirar licença maternidade porque as duas

estão amamentando, apesar de uma ser a mãe biológica e a outra estimulou e amamenta junto a criança então quer participar desse início de vida. Pais que querem ter direito também a uma licença maior porque eles são pai e mãe dessa criança. A criança tem dois pais ou um pai só, não tem mãe. Essas questões que vão conseguindo sim, já tem alguns precedentes que dão esse direito, ou do homem tirar uma licença maior como se fosse a mãe da criança ou das duas mães tirarem juntas, dividindo a licença. E a questão da inseminação caseira também, porque temos muita jurisprudência e já temos alguma garantia quando a inseminação é feita através de clínica porque tem mais segurança, um contrato, uma clínica que está acompanhando tudo então pode testemunhar mas quando a inseminação é feita de forma caseira é bem complicado as duas mulheres conseguirem a dupla maternidade sem ter que ir na justiça. Tem todo um processo para comprovar que aquilo foi uma dupla maternidade, que as duas fizeram daquela forma por escolha própria, por decisão própria e que é filho das duas. É bem mais complicado. Então, é outra luta que eu vejo também, acontecer. E isso pensando em gays, lésbicas e bissexuais. Se você for pra inter tem a questão de manter o direito de manter a indefinição do gênero. Uma criança que nasce com o sexo ambíguo ou com dupla sexualidade, poder aguardar a própria criança dizer se pertence ao gênero feminino ou masculino para que possa depois disse pensar se deve adequar a genitália aquele sexo denominado por ela. Não ter essa pressa. Eu, como psicóloga, vejo que o grande pleito, a grande bandeira é que se respeito o sujeito e se respeito o tempo do sujeito, tanto no sentido de somente a criança, a gente tem muita pressa de definir, de rotular. Então, não só de fazer cirurgia no intersexo quanto dizer se aquela criança resolveu que gosta de se fantasiar de princesa aos dois anos, então é um menino trans e já boto rótulo. A gente não pode ter essa pressa pra empurrar e puxar, seja para um lado ou outro, porque a angústia da indefinição é nossa. E ao mesmo tempo, não podemos ser tão devagar que não atenda a uma angústia que é do sujeito quando essa pressa acontece. Também tem um momento em que é importante para o sujeito, essa definição logo. O respeito a isso, a quem tem que ser o senhor da pressa, da angústia, é aquela pessoa ali que está sendo vista. É ela que está vivendo a situação então tem que ser dela a pressa e não nosso.

Laís: É uma escuta sensível e é uma linha bem tênue que a gente, enquanto responsável e enquanto ser social também, precisa estar atento pra isso. Falamos bastante disso na primeira entrevista com a Dione, que é uma pessoa intersexo e ela falou muito sobre esse respeito com a criança desde sempre e também sobre essa questão lúdica, se a criança se veste de tal maneira, às vezes é só uma fantasia ou ela pode estar demonstrando algo que ela deseja e tudo bem.

[00:40:27]

Beatrice: É um momento, é um recorte. Você não pode pegar um recorte, por exemplo, o menino foi pra casa de uma amiguinha e tinha várias amiguinhas lá e quando o pai foi buscar ele estava maquiado e com as unhas pintadas. Elas brincaram de salão e ele quis participar da brincadeira. Isso não quer dizer que ele quer ser mulher. Ele pediu uma boneca de Natal ou ele acabou de ganhar um irmãozinho e vê o pai dando banho, dando papinha, trocando fralda, ele está

imitando o pai. E esse é um novo papel social do homem. Hoje em dia os homens cuidam dos bebês também. Por que não, ele também poder exercitar isso na brincadeira. Não quer dizer nada. A gente nem tem que rotular, empurrar e nem também negar. A gente tem que respirar, ter paciência e acolher o que a pessoa vai trazer sobre ela mesma. É natural que escolha uma fantasia cheia de brilho. Não é porque é da princesa que ele quer ser mulher, entende? É porque aqueles rinhos encantam a criança. Em outro momento ele pode querer ser o herói ou a menina quer botar a de herói e brincar de espada e no outro dia dirigir o carrinho mas ao mesmo tempo, quando vai brincar de papai e mamãe, ela quer ser a princesa do castelo. A criança está no momento de experimentar e isso é lindo. Não é a gente que tem que ficar rotulando.

Laís: A gente tem que ter garantia de poder ser o que a gente quiser.

Beatrice: Com certeza. É isso.

Laís: E você trouxe ainda um pouco das questões familiares. Eu consultei bastante os seus trabalhos, li e ouvi seus vídeos sobre alienação parental e na nossa primeira entrevista tivemos um caso que falou um pouco sobre alienação parental. Eu gostaria de fazer um recorte para as nossas famílias homoafetivas e homotransafetivas. Eu gostaria de saber se esse recorte de alienação parental não necessariamente do núcleo familiar, dentro de casa, mas às vezes do núcleo familiar mais próximo, como tem chegado isso pra você?

[00:42:40]

Beatrice: Há uns quatro anos eu cheguei a pensar que quando é uma família homoafetiva entre pai e mãe, os dois sendo homoafetivo, não tem alienação porque não tem um caso mas aí começaram a aparecer alguns, especialmente quando não tem o registro. Olha a importância do registro. Duas mulheres (ou dois homens) tem um filho juntas, formam uma família e criam o filho juntas só que só está registrado no nome de uma, pela dificuldade que a gente encontra pra isso. Hoje em dia até é mais fácil o registro mas naquela época era bem difícil. Uma hora elas se separam e a mãe que é a mãe registral resolve dizer que a outra não é nada na vida da criança e tira a criança da vida dela. Isso é alienação parental e é difícil provar que é porque não tem o registro dizendo que aquela pessoa é a mãe da criança. A criança não foi nem ensinada a chamar ela de mãe, porque muitas vezes escondem, socialmente falando. Então, é muito doído. Outra coisa que acontece muito, e aí eu já estou pensando no meu trabalho dentro do Ministério Público, quando eu fiquei mais de 12 anos como perita lá e tinha muitos casos de alienação parental porque um dos pais, depois de algum tempo, se reconheceu gay ou lésbica e assumiu um novo relacionamento com alguém com o mesmo sexo. No momento em que isso acontece é muito comum, principalmente se a família do outro for daquelas muito religiosas radicais, que se faça a alienação parental e se ensine para a criança que o pai ou a mãe que se assumiu gay ou lésbica e o novo relacionamento é um grande pecador, é um demônio encarnado e a criança chega a ter medo daquele pai ou mãe porque o vê com todos os traços que essas religiões costumam botar nessas pessoas. É uma forma de alienação muito triste, muito

séria e tem que ter muito trabalho em cima para poder reverter esse olhar do filho, que é criado já com essa visão. E às vezes, tinham um bom relacionamento com o pai ou mãe anteriormente mas junta também a mágoa porque se sente abandonado, culpa o outro por ter destruído aquela família ideal que achava que tinha e ainda dizem para ele o tempo todo que é um pecador, que faz as coisas erradas. A criança fica em muito sofrimento e com isso tem sérios problemas decorrentes disso, com certeza.

Laís: Pra finalizar, nessa confluência entre as áreas Jurídica e da Psicologia, você entende que há relações entre a negligência aos direitos e a saúde mental de pessoas e famílias LGBTI+ em particular nestes exercícios iniciais da parentalidade, como a gestação e a primeira infância?

[00:45:32]

Beatrice: Com certeza. Vou te dizer mais, toda vez que há negligência tem uma associação com saúde mental. Não tem como ser diferente. Às vezes você pega determinada categoria e acha que tem muitos comorbidades, muitas questões de saúde mental e não é pela categoria em si mas que tipo de cuidado ou de descuido essa categoria sofre? Que tipo de experiência ela vem acumulando, historicamente? Como tem sido a vida dessas pessoas? Então, é natural que a falta de cuidado, a negligência, a violência mesmo, no tratamento, porque às vezes o não fazer é algo muito violento. Quando não tem uma violência positiva também, no sentido de algo que é feito de forma violenta. Isso gera, com certeza, consequências na saúde mental, emocional do sujeito e vai aparecer inclusive na física depois porque isso somatiza e gera milhões de problemas que hoje em dia, está muito claro que são ligados. Nós somos corpo, mente, tudo junto. Uma coisa vai interferindo na outra e não tem como separar. A gente não é caixinhas separadas e diferentes.

Laís: Beatrice, que gostoso conversar com você. Eu gostaria que você pudesse passar onde a gente te encontra nas redes, para que o público te encontre também, por favor.

[00:47:04]

Beatrice: Se puser meu nome no google você encontra tudo lá. Beatrice Marinho Paulo. Além disso, eu estou no instagram, no youtube, facebook mas confesso que eu não sou muito assídua nas redes. Eu vejo mais do que publico mas estou lá e qualquer coisa, podem entrar em contato comigo através de mensagens nesses veículos. Meu email é beatricemarinhopaulo@gmail.com. Esse eu vejo sempre. É mais fácil se comunicar comigo através dele.

Laís: Muito obrigada, querida, por todas as informações. Eu espero que isso possa instrumentalizar muita gente também.

(vinheta musical)

Fique por dentro:

Elencamos alguns livros infantojuvenis de autoria brasileira que abordam a temática LGBTI+ :

Flicts - escritor e ilustrador: Zivaldo - Editora Melhoramentos

Menino, Menina - autora e ilustradora: Joana Estrela - Cia das Letras

Olívia tem dois papais - autora: Márcia Leite e Ilustradora: Taline Schubach - Cia das Letras

O fado padrinho, o bruxo afilhado e outras coisinhas mais

Autora: Anna Claudia Ramos e Ilustradora: Tatiana Paiva - Editora Prumo

Nossa História - autora: Beatrice Marinho e Ilustradora: Paula Faria - Metanoia Editora

Vale a pena conferir!

(Vinheta musical)

[00:48:50] O podcast **Eh Familiar** é uma produção do Sesc Av Paulista com consultoria de Saulo Amorim, produção de Thiago Theodoro e Felipe Dantas e integra o projeto institucional do SESC São Paulo "Cuidar de quem Cuida"

[00:49:09] Encerramos o episódio 2 por aqui. Esperamos que que além da informação, o direito chegue à todas as famílias que, com suas diversas características e desejos, tenham seus caminhos respeitados.

No Portal do SESC você poderá acessar a matéria do Podcast Eh Familiar, que contém as pesquisas e os links dos assuntos que trouxemos desde o primeiro episódio, além da transcrição completa do áudio de nossas entrevistas. Acessem: www.sescsp.org.br

E fiquem ligados no Episódio 3, onde falaremos sobre - **Adoção legal, segura e para sempre.**

Esperamos você neste podcast que **Eh Familiar!**